

## Seria a retórica uma arte (*tekhné*)? Uma análise do *Górgias* de Platão

### Is the rhetoric an art (*tekhné*)? An analysis of the Plato's *Górgias*

MAURÍCIO ALVES BEZERRA JUNIOR<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho objetiva se debruçar sobre uma das questões centrais que se apresenta no diálogo *Górgias*, de Platão, a saber: a retórica sofisticada, que é defendida pelo personagem *Górgias* e seus discípulos é de veras uma arte (*tekhnē*)? Sócrates, quase sempre personagem porta voz do pensamento platônico, indaga seus interlocutores a fim de, através de seu conhecido *elenchos*, tirar dos sofistas a alcunha de artífices, uma vez que não dominam um saber específico. Ainda, Sócrates procura destituir a retórica sofisticada do estatuto de arte (*tekhnē*), como pregam outros personagens da obra, colocando-a com uma contrafação e uma lisonja. Reconhecemos, com isto, que Sócrates e, por conseguinte, Platão, procuram erigir uma concepção de arte (*tekhnē*) que diferia da que era compreendida em sua época.

**Palavras-chave:** Retórica. Arte (*tekhnē*). *Górgias*.

**Abstract:** This work aims to address one of the central questions that is presented in Plato's *Gorgias*, namely: the sophistry rhetoric, which is defended by the personage Gorgias and his disciples, is really an art (*tekhnē*)? Socrates, almost always character spokesman of the platonic thought, asks his interlocutors in order, through his known *elenchos*, to take from the sophists the nickname of craftsmen, since they do not dominate a specific knowledge. Still, Socrates seeks to dismiss sophistry rhetoric from the status of art (*tekhnē*), as other characters of the work preach, placing it with a counterfeit and flattery. We acknowledge, therefore, that Socrates and therefore Plato seek to erect a conception of art (*tekhnē*) that differed from that which was understood in his time.

**Keywords:** Rhetoric. Art (*tekhnē*). *Gorgias*.

Seguindo a catalogação atribuída a Trasilo e mencionada por Diôgenes Laértios<sup>2</sup>, o *Górgias* tem por subtítulo: sobre a Retórica (περὶ ῥητορικῆς). Entretanto, esse subtítulo, per si, não abarca todas as nuances que podem se desvelar com uma leitura rigorosa da obra. Contudo, concordamos com alguns comentadores que afirmam ser a *retórica* o eixo central da obra<sup>3</sup>, com o intuito de analisar, neste trabalho, a ideia de retórica exposta no *Górgias*, permeada pela constante indagação feita pelo Sócrates platônico em relação à arte (*tekhnē*) que ela comporta.

*Górgias*<sup>4</sup> de Leontino era considerado o maior sofista de todos. Nascido por volta de 485 e 480 a.C., viveu até idade avançada, o que permitiu que ele observasse

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: [historiamauricio@hotmail.com](mailto:historiamauricio@hotmail.com).

<sup>2</sup> *Vidas e Doutrinas dos filósofos ilustres*, III, p. 59.

<sup>3</sup> DODDS, E. R. *Plato, Gorgias*, p. 2-5; MACCOY, Marina. *Platão e a Retórica de filósofos e sofistas*, p. 95. É importante notar que MacCoy argumenta que, geralmente, é compreendido como o objetivo na obra não só analisar a Retórica em si, mas também demarcar a sua inferioridade em relação à Filosofia.

<sup>4</sup> Colocar *Górgias* como um sofista levanta uma problemática, pois ele não se proclamava como professor de *Arete* (virtude), que era a forma regular com a qual Platão situava os sofistas (*Mênong* 95b-

as mudanças no jogo social e político das cidades gregas, participando de algumas delas com profícuo interesse. Górgias foi o primeiro teorizador formal de uma arte retórica como disciplina independente, construindo uma ponte entre a Retórica da Magna Grécia e a da Grécia Continental<sup>5</sup>. Podemos ir mais além e situar Górgias como o criador da Retórica na forma como ela vai se pautar a partir dos últimos decênios do século V a.C., e sendo, para Platão, a própria personificação dessa “arte”<sup>6</sup>. Não é de se espantar que, dado a sua importância, Platão irá versar sobre a arte retórica do Leontino em algumas obras e, em especial, no *Górgias*.

Antes, porém, de dar continuidade a nossa reflexão acerca da Retórica e de sua arte (*technē*), não podemos perder de vista a compreensão de que o Górgias exposto na obra platônica não condiz necessariamente à pessoa histórica, reconhecido por obras como *Elogio de Helena*, *Defesa de Palamedes* e *o Tratado do Não-ser*. Trata-se de um personagem, cria do gênio platônico, tal qual outros personagens expostos na obra, tais como Sócrates, Polo, Cálicles e Querofonte. Indubitavelmente, a perspicácia da prosa platônica permeia e é influenciada pelos espíritos dos contrapartes históricos, mas, para centralizar nossa reflexão, quando nos referirmos ao caráter e à sapiência dos supracitados, estamos analisando o retrato que Platão faz deles. Nosso objetivo, com isto, é apresentar a crítica platônica feita aos retores e aos sofistas. Como podemos observar no passo 449a, Górgias se apresenta no diálogo como um bom rétor, já representando a jactância que o personagem tem em relação a ser mestre do saber.

Jaeger denota que o *Górgias* se estrutura em três atos, sendo que o aparecimento de cada personagem recrudescer a discussão sobre o plano teórico da Retórica<sup>7</sup>. Já principiando o primeiro ato, Sócrates elabora uma questão que vai determinar o desdobramento de todo o diálogo. A questão é sobre a arte (τέχνη) [*technē*] da Retórica de Górgias<sup>8</sup>. Seria a Retórica aludida pelo Leontino uma arte?

---

c). Górgias até admite que os alunos aprenderão dele os princípios do justo e do injusto (*Górgias*, 460a), caso eles já não os conheçam, mas antes isenta o mestre do mal uso das artes pelos discípulos (*Górgias* 457a-c). MacCoy (2010, p. 21) argumenta que “se há uma diferença no uso que Platão faz dos termos *sofista* e *retórico*, é que o primeiro frequentemente tem uma conotação pejorativa, enquanto o segundo pode ser positivo ou negativo dependendo do contexto”. Contudo, na obra *Górgias*, embora Sócrates faça uma pequena diferenciação entre sofística e retórica (465c), logo adiante ele afirma que as duas são praticamente idênticas (520a). Conscientes de tal problemática e apoiados em Reboul (2004, p. 5-6), intentamos colocar o nome de Górgias com o sentido técnico de sofista, como professor que cobrava para ensinar.

<sup>5</sup> PLEBE, *Breve história da Retórica Antiga*, P. 17.

<sup>6</sup> JAEGER, *Paideia*, p. 649.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 652.

<sup>8</sup> “[...] SOC: [...] Pois quero saber dele qual é o poder da arte do homem e o que ele promete e ensina; o resto da exibição. Deixemos para outra ocasião, como dizes [...]” 447c. O complemento e a resposta podemos ver em: “[...] SOC: [...] dize-me agora, de modo semelhante, que arte é essa e por qual nome devemos chamar Górgias! Ou melhor: dize-nos tu mesmo, Górgias, como devemos te chamar e de que arte tens conhecimento! GOR: Da retórica, Sócrates. SOC: Portanto, devemos te chamar de rétor?”

Para responder tal questão, vamos confrontar a resposta de Górgias e seus seguidores sobre sua arte e a análise seguinte desenvolvida por Sócrates. Nos passos 452e – 453a, fica mais evidente a qual arte Górgias afirma ter o domínio, a saber, a dos discursos. Esta é a arte da Retórica. Já nesse ponto, podemos notar uma definição genérica, problemática para Sócrates, que esperava uma resposta mais específica, visto que outras artes dizem respeito a discursos (περὶ λόγους)<sup>9</sup>. Para Sócrates, a condição para se estabelecer uma *teknhē* é ter um domínio específico de um objeto determinado. Para termos uma ideia de quanto a compreensão do termo *teknhē* pode ser complexa, vejamos a diferença existente em nosso conceito de arte daquele referenciado pelos gregos:

A palavra *teknhē* tem, em grego, um raio de ação muito mais extenso que a nossa palavra *arte*. Designa toda profissão prática baseada em determinados conhecimentos especializados e, portanto, não só a pintura, a escultura, a arquitetura e a música, mas também, e talvez com maior razão ainda, a medicina, a estratégia militar ou a arte da navegação. Aquela palavra que estas tarefas práticas ou estas atividades profissionais não correspondem a mera rotina, mas baseiam-se em regras gerais e conhecimentos sólidos; neste sentido, o grego *teknhē* corresponde frequentemente, na terminologia filosófica de Platão e Aristóteles, à moderna palavra *teoria*, sobretudo nos passos em que se contrapõe à mera experiência [...].<sup>10</sup>

17

Para deslindar os conceitos de arte que estão em conflito no *Górgias*, temos que observar a compreensão do que ela significa no contexto dos personagens. Na primeira parte da obra, quando Querofonte interpela para saber a que arte Górgias pertence, partindo de uma analogia com outras artes, Polo responde que as descobertas das artes são feitas por meio da experiência experimentalmente (ἐμπειριῶν ἐμπείρως), e que seu mestre Górgias participa da mais bela das artes<sup>11</sup>.

A associação que Polo faz entre arte e experiência exposta no *Górgias*, provavelmente, influenciou Aristóteles em sua definição de *teknhē* (τέχνη). Diz o estagirita, em sua *Metafísica*, que “a experiência parece um pouco semelhante à ciência e à arte. Com efeito, os homens adquirem ciência e arte por meio da experiência. A experiência, como diz Polo, produz a arte, enquanto a inexperiência produz o puro acaso”<sup>12</sup>. O mais interessante de se notar, sobre a citação de Aristóteles, é a posição de destaque dada à experiência (ἐμπειρία) em relação à *teknhē* (τέχνη). Para ele, como nos mostra na *Metafísica*, a experiência é um caminho para chegar à *teknhē* e a *epistēmē*. Todavia, no passo 463b do *Górgias*,

---

GOR: De um bom rétor, Sócrates, se queres me chamar, como diz Homero, daquilo que rogo ser. SOC: Mas eu quero chamá-lo. GOR: Então chama! [...]” 449a.

<sup>9</sup> PLATÃO, *Górgias*, 449e1.

<sup>10</sup> JAEGER, *Op. Cit.* p. 653.

<sup>11</sup> PLATÃO, *Górgias*, 448c.

<sup>12</sup> ARISTÓTELES, *Metafísica*, livro I, 981a1-5.

Sócrates nos diz que a Retórica não é uma *teknhē*, mas uma mera *empeiria* (ἐμπειρία) e uma rotina (τριβή). Assim, Sócrates não coloca a *empeiria* como caminho para a *teknhē*, fazendo, na verdade, uma oposição clara entre ambas. Onde Aristóteles enxerga derivação, Polo vê que uma é fruto da outra. Por sua vez, Sócrates, e, por conseguinte, Platão, as vê como diametralmente opostas. Górgias coadunará com a posição de Polo, aceitando a *empeiria* como própria fonte à *sophía*.

A definição qualitativa de Polo, ao afirmar que a *teknhē* de Górgias é a melhor dentre as tais, não é suficiente para Sócrates, que dá uma lição de lógica ao afirmar que um julgamento de valor não serve para definir a arte<sup>13</sup>. O que Sócrates vai querer saber por parte de Polo será sobre o que é a Retórica, e o que a diferencia de outras artes.

Cabe à nossa observação para o passo 447c-d, no qual Sócrates associa a questão da *teknhē* de Górgias ao próprio *ser* do sofista. Sendo assim, ao intencionar compreender a arte do retórico, Sócrates quer saber o que é o próprio retórico<sup>14</sup>. Por isso, mais uma vez, a apresentação de Polo, que procura definir a arte de seu mestre como a mais bela, dada a Querofonte, sequer corresponde ao sentido pretendido por Sócrates, quando projetou tal indagação. Na continuidade desse debate, o próprio Sócrates observa que a definição de Polo é um encômio, ou seja, um argumento de caráter elogioso, que visa adjetivar positivamente a arte da Retórica, como se alguém estivesse negativamente *a priori*, mas não respondeu que arte é, qual sua definição e escopo. Ao passo que Polo, sem compreender aonde Sócrates queria chegar, reforça o que dissera anteriormente, dizendo que a arte de seu mestre é a mais bela<sup>15</sup>. Nos passos seguintes, veremos a definição da Retórica advinda de Górgias em si, mas já no princípio podemos ver a retomada da qualificação da Retórica, o que será destoante do objetivo do questionamento socrático. Ao ser questionado a respeito do que concerne aos discursos retóricos, Górgias afirma que concerne às melhores e às mais importantes coisas humanas<sup>16</sup>. Logo, em seguida, Sócrates vai problematizar reiteradamente o argumento elogioso de Górgias e Polo.

Como observa Lopes, ao comentar sobre esse assunto:

Depois de Sócrates mostrar a Górgias que a sua definição de retórica não era válida [...], Górgias tenta esclarecer o que diferencia a retórica dessas outras artes com relação ao objeto específico de seu discurso. Todavia, nessa segunda definição proposta, ele acaba incorrendo no mesmo tipo de 'equivoco', segundo as regras

<sup>13</sup> DODDS, *Górgias*, p. 193.

<sup>14</sup> “[...] CAL: Nada como tu a indagá-lo, Sócrates! Aliás, esse era um dos pontos de sua exibição: há pouco mandou aos presentes que lhe perguntassem o que desejassem, e afirmou que responderia a todas as perguntas. SOC: Bem dito. Querofonte, interroga-o! QUE: Sobre o que devo interrogá-lo? SOC: Quem ele é. QUE: Como dizes? SOC: Por exemplo: se ele fosse artífice de sapatos, ele decerto te responderia que é sapateiro; ou não entender o que digo? [...]”

<sup>15</sup> PLATÃO, *Górgias*, 448e.

<sup>16</sup> PLATÃO, *Górgias*, 451d.

dialógicas estabelecidas por Sócrates, cometido por Polo no prólogo (448c). A uma pergunta de definição objetiva do domínio específico do discurso retórico, Górgias oferece uma resposta encomiasta: como Sócrates disse naquela ocasião a Polo, a pergunta não se refere à valoração do objeto em questão, mas à sua definição. Sócrates lhe mostra que a sua resposta não é satisfatória porque ‘as melhores e mais importantes coisas humanas’ [...] é uma asserção polêmica, na medida em que há igualmente outros artífices [...] que reivindicam para sua arte o mesmo título. A propensão ao elogio de si mesmo ou de seu ofício é um dos traços do personagem Górgias no diálogo, que corresponde, por sua vez, a um dos elementos fundamentais do modo de discurso retórico<sup>17</sup>.

Discorreremos agora sobre o fato de, reiteradas vezes, tanto Polo, quanto Górgias, procurarem qualificar a Retórica para determiná-la como a arte sobre as outras. Podemos, então, partir para a compreensão que estamos nos deparando com ideias primevas divergentes em relação ao mesmo objeto. Para Górgias, a própria *teknhē* vem da *empeiria*, sendo assim, não será preciso conhecer a definição de uma coisa para dizer o que ela é, mas a própria definição vem a partir da descrição dos dados sensíveis, que podem ser comparados com outros e, por isto mesmo, qualificá-los a partir deles. Assim, dizer que é bela e tem maior poder faz sentido para Górgias. Tal ponto pode ser observado quando, no passo 452d, Górgias afirma que o domínio da Retórica é sobrepor-se aos outros em sua própria cidade, claramente colocando a sua *teknhē* em caráter superior<sup>18</sup>. Já no passo seguinte – 452e –, Górgias afirma que seu ofício tem, por meio da persuasão (πειθῶ), o poder de falar e persuadir a multidão (τῷ δυναμένῳ λέγειν καὶ πείθειντὰ πλῆθη), transformando os outros artífices em escravos de suas palavras. Sendo assim, diz Araújo:

Mas, para Górgias, é justamente o que diz Sócrates que não faz sentido. De modo algum a retórica seria excluída de uma reunião que queira decidir sobre o saber, e isso porque só a retórica sabe, pois só ela é capaz de dizer o melhor, entenda-se, só a retórica realiza o necessário em uma reunião, o discurso. Sempre que uma arte manual precisa decidir o que fazer, ela precisa da retórica para dizer por ela, para lhe dar um sentido [...]<sup>19</sup>.

A Retórica, então, seria, reforçando mais uma vez a visão de Górgias, e a de Polo, a *teknhē* melhor e mais bela. Vemos claramente, com isto, que os personagens Górgias e Sócrates discordam diametralmente em relação ao conceito de *teknhē*.

<sup>17</sup> Ibidem, nota 16, p. 186.

<sup>18</sup> “[...] GOR: Aquele que é, Sócrates, verdadeiramente o maior bem e a causa simultânea de liberdade para os próprios homens e, para cada um deles, de domínio sobre os outros de sua própria cidade”. No diálogo *Mênon*, Platão coloca, nos lábios desse personagem, que a definição da virtude maior do homem, que é a virtude sobre a cidade, é a capacidade de comandar os homens. Interessante perceber que, antes dessa afirmação de *Mênon*, Sócrates afirma que o pensamento de seu interlocutor está coadunado com o de Górgias (*Mênon*, 73c-d).

<sup>19</sup> ARAÚJO, *Da Arte: uma leitura do Górgias de Platão*. P, 52-53.

Observemos agora, pois, que Sócrates procura impor sua própria noção de *tekhē*, estabelecendo nuances divergentes inclusive daquelas que estavam disponíveis nos contextos sociais dos personagens. Dinucci assim argumenta sobre essa concepção socrática de *tekhē*, que destoa de seus pares:

É preciso reconhecer que Sócrates impõe suas próprias premissas na argumentação. A retórica é afirmada uma *empeiria* e não uma *techné* por Sócrates devido à sua singular concepção de *techné*, que é ao mesmo tempo *epistēmē* (já que pressupõe o conhecimento da definição de seu objeto), *praxis* (já que implica uma prática de acordo com esse conhecimento, sendo o erro, para Sócrates, devido à ignorância) e *poiēsis* (já que a *techné* tem como fim a produção de *eudaimonia*). Essa concepção é radicalmente distinta não somente daquela de Górgias como de todos os seus contemporâneos, que tendiam a ver uma estreita ligação entre *techné* e *empeiria*, desconsiderando a possibilidade de um caráter epistemológico da *techné*. Porém, simplesmente afirmar que o argumento de Sócrates é inválido por impor ao adversário certos conceitos e noções é perder de vista o ponto em questão e o sentido histórico da argumentação socrática e platônica como um todo. Não podemos deixar de notar, em primeiro lugar, que Sócrates, por meio de sua argumentação, está apresentando aos seus contemporâneos sua própria noção de *techné*, que será desenvolvida de diferentes formas por Platão nos diálogos da juventude, da maturidade e da velhice. [...]<sup>20</sup>.

20

Delinearemos, a partir de agora, os passos que sustentam a crítica socrática à Retórica, que a destitui da vênua de arte e a coloca como mera adulação. Ao nos debruçarmos no passo 453a, vemos que Górgias anuiu à compreensão socrática que coloca como maior poder (*δύναμις*) da Retórica a capacidade de incutir na alma dos ouvintes a persuasão (*πειθώ*). No passo seguinte, Sócrates estabelece que a persuasão é plural, ao questionar a que tipo de persuasão Górgias afere ser utilizada em sua Retórica, embora ele já suspeite qual deverá ser a resposta<sup>21</sup>. No passo 453d, o próprio Górgias concorda que, quem ensina, qualquer que seja a arte, persuade.

Conduzindo a compreensão e tendo a anuência de Górgias em relação ao fato de a persuasão não ser objeto exclusivo da Retórica, Sócrates almeja saber de qual persuasão alberga exclusivamente a Retórica, visto que não faz jus às demais. A resposta de Górgias delimita como cerne as deliberações acerca do justo (*δίκαιά*) e ao injusto (*ἄδικα*) em tribunais e demais assembleias<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> DINUCCI, *Górgias* 448c- 460b: Sócrates estabelecendo as fundações da crítica à retórica através de sua concepção de *techné*. In: O que nos faz pensar, n. 28, p. 229-230.

<sup>21</sup> “[...] SOC: Passo a te dizer agora. Que persuasão é essa proveniente da retórica à qual te referes e a que coisa concerne a persuasão, saibas bem que não o sei claramente, mas suspeito, presumo eu, de que persuasão falas e a que ela concerne. Todavia, não deixarei de perguntar a ti que persuasão provém da retórica à qual te referes e a que coisa ela concerne [...]” (453b).

<sup>22</sup> PLATÃO, *Górgias*, 454b-5-7.

A partir dessa parte do diálogo, Sócrates conduz Górgias à ideia de que existem dois tipos de persuasão, a saber: uma, que incute na pessoa a quem se pretende persuadir uma crença falsa, e a outra, que incute uma crença verdadeira. Em outros termos, a primeira produz a crença sem conhecimento, e não uma cognição, ou seja, uma ciência (ἐπιστήμη)<sup>23</sup>. Ao consentir que a persuasão produzida pela Retórica nos tribunais é geradora de crença, e nada ensina sobre o justo e o injusto, Górgias demonstra a inépcia de sua pretensa “arte”<sup>24</sup>. Ao menos sob o escrutínio perpetrado por Sócrates, que, como já vimos, associa a técnica ao conhecimento pretendido por ela. Sobre este aspecto, infere-nos Casertano que “[...] o fato de induzir nos outros uma crença separada do conhecimento, isto é, privada de *νοῦς*, na realidade coloca imediatamente a retórica no campo não de uma técnica, mas de uma empiria enganadora [...]”<sup>25</sup>. McKirahan vai reforçar esse argumento ao aduzir que será neste ponto que Sócrates virará o jogo contra os sofistas, retirando não só o pretensso caráter universal da técnica da Retórica, como também negando-lhe o atributo de arte, por não ter um cerne determinado<sup>26</sup>.

Tomando como pressuposto a ideia de que as decisões técnicas em uma cidade devem ser tomadas pelos artífices mais aptos, Sócrates retira dos retóricos o poder de deliberar corretamente sobre as decisões da cidade, como aponta Irwin: “Sócrates supõe que deve haver *experts* políticos que tenham conhecimento sobre o que é justo e injusto, e estes oradores não são estes *experts*”<sup>27</sup>. Ou seja, em relação ao poder<sup>28</sup>. O retórico, por não ser detentor de um saber específico, nada teria de decidir sobre a cidade<sup>29</sup>. Entretanto, Górgias procura mostrar o poder da Retórica ao lembrar a Sócrates que algumas das principais obras erigidas na cidade de Atenas não foram conselhos de artífices específicos, mas de oradores como Temístocles e Péricles<sup>30</sup>. A seguir, e tomando como referência a própria inferência de Górgias, Sócrates, mais uma vez, indaga sobre o poder (δύναμις) da Retórica, pois, tal como o sofista expõe, faz parecer sua arte um elemento divino<sup>31</sup>. Adiante, Górgias afirma que, em meio à multidão, não há assunto em que o retórico não seja mais persuasivo que qualquer artífice<sup>32</sup>. Górgias leva a ideia de que a Retórica não se apresenta como uma arte com o domínio específico, mas sim como detentora de um saber sobre os

<sup>23</sup> Ibidem, 454d-e.

<sup>24</sup> “[...] SOC: Qual é, então, a persuasão que a retórica produz nos tribunais e nas demais aglomerações, a respeito do justo e do injusto? A que gera crença sem o saber ou a que gera o saber? GOR: É deveras evidente, Sócrates, que aquela geradora de crença. SOC: Portanto, a retórica, como parece, é artífice da persuasão que infunde crença, mas não ensina nada a respeito do justo e do injusto. GOR: Sim [...]” 454e8-455a3.

<sup>25</sup> CASERTANO, *Os paradigmas da verdade em Platão*. P. 57-58.

<sup>26</sup> MCKIRAHAN, *A filosofia de Sócrates: uma introdução com trechos e comentários*. P. 619-620.

<sup>27</sup> IRWIN, *Plato's Gorgias*. p. 119.

<sup>28</sup> PLATÃO, *Op. Cit.*, 455b.

<sup>29</sup> ARAÚJO, *Op. Cit.* p. 52.

<sup>30</sup> PLATÃO, *Górgias*, 455d6-e3.

<sup>31</sup> Idem, 456a

<sup>32</sup> PLATÃO, *Górgias*, 456c.

diversos saberes, inclusive sobre os que tenham uma técnica específica. Observamos aqui que, mais uma vez, Górgias propõe ser a Retórica uma panaceia aos discursos, reforçando o elogio que ele procurou determinar desde o princípio do diálogo.

Almejando a refutação ao argumento de Górgias, Sócrates procura manter seu interesse na discussão, afirmando ser ele um homem que se compraz com a possibilidade de ser refutado, com o escopo da busca da verdade<sup>33</sup>. E indaga a Górgias se ele é também esse tipo de homem, que assente com presteza<sup>34</sup>. Podemos notar, nesse passo, a tentativa de Górgias em se desvencilhar do diálogo com Sócrates, para evitar ser refutado, ao aludir aos demais presentes um desgaste de conteúdos dados<sup>35</sup>. Entretanto, sua tentativa não logra êxito, uma vez que a própria audiência, na pessoa de Cálicles, se mostra sequiosa pela continuação do debate<sup>36</sup>.

O Leontino assente o interesse do público e pede que Sócrates continue a indagação principiada<sup>37</sup>. Como desenvolvimento, Sócrates questiona Górgias sobre a possibilidade de este transformar alguém que o procure num rétor; num artífice cujo poder possa persuadir, não ensinar, a multidão. A essa turba de incautos, que não goza de conhecimento específico, o rétor se apresenta como mais convincente em relação à saúde, por exemplo, que o médico, detentor de conhecimento específico. Górgias assente as indagações socráticas com presteza, concordado com a condução. Entretanto, faz-se mister a compreensão que Sócrates conduz a anuência de Górgias a considerar que o sucesso da empreitada do rétor depende da ignorância da audiência, sendo que, se fosse em meio aos que tivessem conhecimento, a persuasão retórica seria infrutífera<sup>38</sup>. Somos levados a perceber, então, que a persuasão dos retores influi diretamente na ignorância do público. E por não deter o conhecimento sobre o que ensina, o rétor se mostra também ignorante, que em meio a ignorantes detém maior poder<sup>39</sup>. A partir da assunção de Górgias sob o escrutínio de Sócrates, este mostra a retórica não como uma arte, detentora de um saber, mas sim como uma contrafação, uma aparência incutida aos ignorantes, perpetrada por ignorantes<sup>40</sup>. Górgias anui à conclusão socrática,

---

<sup>33</sup> Ibidem, 458a

<sup>34</sup> Idem, 458b.

<sup>35</sup> “[...] GOR: Mas ao menos eu, Sócrates, afirmo ser um homem do tipo ao qual aludiste; mas talvez devêssemos pensar também na situação dos aqui presentes. Pois, muito antes de vós chegardes, eu já havia lhes exibido inúmeras coisas, e talvez agora nos estendamos em demasia, se continuarmos a dialogar. Assim, devemos averiguar também a situação dessas pessoas, a fim de que não nos surpreendamos se parte delas queira fazer alguma outra coisa” (458b). Também se faz mister perceber que Polo, no prólogo do diálogo, afirmara que o próprio Górgias estava exausto depois de sua apresentação sobre diversos assuntos (448a).

<sup>36</sup> Ibidem, 458d.

<sup>37</sup> Idem, 458e1-2

<sup>38</sup> Idem, 459a.

<sup>39</sup> Idem, 459b6-8.

<sup>40</sup> “SOC: Assim, no tocante a todas as demais artes, o rétor e a retórica se encontram na mesma condição: a retórica não deve conhecer como as coisas são em si mesmas, mas descobrir algum



entretanto, interpretando como vantagem e superioridade a característica da Retórica delineada por Sócrates<sup>41</sup>. Podemos, então, interpretar essa parte do diálogo como sendo mais uma evidência de que os personagens debatedores até agora têm suas próprias convicções em relação à Retórica, que se excluem mutuamente.

Já tendo sinalizado que a Retórica é um engodo aos incautos, Sócrates conduz seu *elenchos* para uma encruzilhada da qual Górgias não consiga sair. Sobre a questão do cerne do justo e do injusto, alegados como escopos da Retórica pelo próprio Górgias<sup>42</sup>, que considera que o rétor deva se guiar pela justiça, mas que, se ele se guiar pela ação injusta, não se deve culpar o mestre que o ensinara<sup>43</sup>, Sócrates indaga ao seu interlocutor se a relação do retórico com o justo e o injusto encontra-se a respeito do justo como se encontra a respeito da saúde. Ou seja, ignora o saber da justiça, mas, por meio da persuasão (*πειθώ*), conduz os ignorantes de modo a parecer conhecer, mais que aqueles que, de fato, conhecem<sup>44</sup>. Ou se é necessário que o pretendente a rétor saiba previamente sobre o justo e o injusto, ou sendo Górgias um mestre da Retórica (*ῥητορικῆς διδάσκαλος*), ele possa ensinar-lhe esse cerne<sup>45</sup>. Górgias, por sua vez, assente que acaso não conheça, o aprendiz poderá ter com ele as coisas referentes ao justo e ao injusto. Sócrates, então, encerra seu raciocínio completando que, quer seja previamente, quer por ensinamento, será necessário que o rétor conheça acerca do justo e do injusto<sup>46</sup>.

Como próximo passo, Sócrates utiliza o argumento por analogia entre arte (*τέχνη*) e virtude (*ἀρετή*), comum nos primeiros diálogos de Platão, no qual bastaria saber sobre certa arte para reproduzi-la. Assim, bem como o detentor da arte de carpintaria é o carpinteiro, e o detentor da arte da medicina é o médico, quem detém a justiça é justo. A partir do passo 460c-e Sócrates infere a Górgias, de certa forma ardilosa, que o rétor sendo justo, jamais quererá cometer injustiça, ao passo que o sofista anui. Por fim, fazendo Górgias entrar em contradição, Sócrates o relembra quando o disse que se um rétor utilizar a Retórica injustamente, a culpa deve cair para ele, e não para quem o ensinou. Ora, se quem conhece o justo,

---

mecanismo persuasivo de modo a parecer, aos ignorantes, conhecer mais do que aquele que tem conhecimento” (459b10-459c2).

<sup>41</sup> PLATÃO, *Górgias*, 458c3-5.

<sup>42</sup> *Ibidem*, 454b5-7.

<sup>43</sup> *Ibidem*, 457b.

<sup>44</sup> *Ibidem*, 459d.

<sup>45</sup> *Idem*, 459e.

<sup>46</sup> *Idem*, 460a. MacCoy (Op. Cit, p.99) argumenta que aqui é Sócrates que estabelece a ideia de haver uma ligação “necessária” entre a retórica e o conhecimento da justiça. Até ali, Górgias apresentara a retórica e o conhecimento da justiça como separáveis. Segundo a autora, no máximo, Górgias associara levemente a retórica com a justiça (454b). Concomitantemente, embora possa aduzir que Górgias cometeu um deslize conquanto a ligação necessária estabelecida por Sócrates, ele não demonstra que a posição original de Górgias sobre a natureza da retórica seja incoerente. Dodds (1980), por sua vez, aponta que Górgias não deveria simplesmente ter afirmado que ensina justiça, podendo, assim, escapar do argumento.

quererá ser justo, como pode um rétor cometer injustiça?<sup>47</sup> Entretanto, faz-se mister reconhecer que essa conclusão do *elenchos* socrático vai de encontro ao próprio pensamento de Platão já exposto no *Mênon*<sup>48</sup>, no qual este profere que Górgias jamais professou ser mestre da virtude (διδάσκειν εἶναι ἀρετῆς), e sim prometeu ensinar apenas a técnica dos discursos. Contudo, apesar de os temas em Platão perpassarem por vários diálogos, cada um deles deve ser visto como unilateral e parcial, buscando uma abordagem específica ou um ponto de vista especial para um problema.

O processo encerrado por Sócrates, que deixa Górgias em contradição, abrirá caminho para a entrada repentina de Polo na questão<sup>49</sup>, que acusará de ardilosa a maneira como Sócrates havia conduzido a discussão. Por isto mesmo, passa a colocar-se como defensor da Retórica, retomando e renovando o debate. Com a entrada de Polo, Sócrates reconhece a oportunidade de, por si mesmo, estabelecer o que entende por Retórica. Este fato fica evidente ao nos depararmos com a inversão de papéis conduzida por Sócrates, ao permitir que seu interlocutor saia da condição de inquirido para a condição de inquiridor<sup>50</sup>.

De pronta celeridade, Polo alberga a condição de questionador e, sem demora, pergunta a Sócrates o que é para ele a Retórica. Compreendemos aqui que Sócrates já imaginara qual pergunta Polo lhe dirigiria, uma vez que, desde o começo desta intervenção, Polo mostrava-se afetado e jactante em relação à derrota de Górgias. Por isso, podemos observar o passo 462a1-3, no qual Sócrates adverte sobre a possibilidade de ele ser refutado, como o próprio Górgias o fora. Posto isso, e de forma direta, Sócrates vai afirmar que, segundo seu parecer, a Retórica não é nenhuma arte<sup>51</sup>. De fato, Sócrates coloca a Retórica como certa experiência (Ἐμπειρίαν ἔγωγέτινα)<sup>52</sup>. Araújo observa que, até então, essa definição da Retórica como experiência não seria um contraponto à ideia de Polo, a não ser pelo fato de, efetivamente por esta característica, Sócrates não considerar a Retórica uma arte (τέχνη)<sup>53</sup>. Não obstante, temos aqui uma definição não qualitativa, como aquelas aduzidas por Górgias e Polo, e partiu de Sócrates, que procurará definir os meandros da retórica sofística. Polo, até então ignorando as pretensões de Sócrates, quer ouvir deste o eco de sua própria definição, perguntando que tipo de experiência é a Retórica. Quando Sócrates afirma que é uma experiência de produção de deleite e prazer, Polo novamente entra na perspectiva qualitativa, querendo que seu interlocutor reconheça então, na Retórica, a mais bela das artes. Sócrates se esquivava

<sup>47</sup> Vemos aqui a contradição pela qual passa a personagem Górgias frente ao *elenchos* socrático.

<sup>48</sup> PLATÃO, *Mênon*, 95c.

<sup>49</sup> PLATÃO, *Górgias*, 461b3.

<sup>50</sup> "SOC: E agora, cumpre a parte que te aprouver: pergunta ou responde!" (462b1). Lopes (2011, p. 222. Nota 47) observa que essa inversão de papéis é rara nos primeiros diálogos de Platão.

<sup>51</sup> *Ibidem*, 462b.

<sup>52</sup> *Idem*, 462c3.

<sup>53</sup> ARAÚJO, *Op. Cit.* p. 77.

e pede que, para continuar com sua definição do cerne da Retórica, Polo pergunte que tipo de arte lhe é a culinária. Vejamos, então, essa parte da argumentação:

SOC: Pergunta-me agora que arte me parece ser a culinária!  
 POL: Pergunto sim: que arte ela é?  
 SOC: Nenhuma, Polo.  
 POL: Mas o quê, então? Fala!  
 SOC: Falo sim: certa experiência.  
 POL: Qual? Fala!  
 SOC: Falo sim: de produção de certo deleite e prazer, Polo.  
 POL: Portanto, a culinária e a retórica são a mesma coisa?  
 SOC: De forma nenhuma, mas partes da mesma atividade. [...] <sup>54</sup>

Com efeito, Sócrates procura delimitar a Retórica fora do eixo de uma *teknhē*, conduzindo sua argumentação para encerrá-la como uma ferramenta de prazer e deleite destituída de conhecimento técnico. O comparativo, nesta parte da Retórica, com a culinária, serve como princípio para que Sócrates estabeleça uma esquematização do que ele vai chamar de técnicas e de suas partes em contrafação, a saber, de adulações ou lisonjas. Contudo, antes de sedimentar sua proposição acerca do aspecto lisonjeiro da Retórica, Sócrates, com certa indulgência, se mostra preocupado em não ser rude por dizer uma verdade que pareça a Górgias um gesto de tripudiar. Entretanto, Górgias se mostra sequioso em dar continuidade e pede que Sócrates não se preocupe<sup>55</sup>. Posto isto, Sócrates sentencia que a Retórica é uma atividade como outras, que longe de ser arte, é apropriada à alma ligada a conjecturas, com capacidade de se relacionar com os demais e que tem como seu cerne a lisonja (κολακείαν)<sup>56</sup>. Sendo assim, o nome dado ao grupo de ocupações empíricas como a Retórica é lisonja, sendo esta delineada pela experiência e pela rotina. No *Filebo*, podemos notar uma definição de não técnicas feita por Sócrates que se aproxima dessa definição de Retórica enquanto lisonja. Quando Protarco, o interlocutor de Sócrates no *Filebo*, procura saber como distinguir os conhecimentos puros – que podemos tomar como verdadeiros – dos impuros – que tomaremos como falsos –, Sócrates diz que, tirando do conhecimento suas técnicas, “o que teria sobrado depois disso seria a conjectura, o exercício dos sentidos pela experiência e por certa rotina, utilizando-se ainda as potências de adivinhação que muitos denominam técnicas cuja eficácia é produzida pelo exercício e pelo trabalho árduo”<sup>57</sup>.

Estabelecido o cerne da Retórica e destituindo-a do altar de uma *teknhē*, Sócrates agora vai traçar que tipo de lisonja é a Retórica. De pronto, ao ser perguntado por Polo em que parte da lisonja colocaria a Retórica, Sócrates

<sup>54</sup> PLATÃO, *Górgias*, 462d8-462e3.

<sup>55</sup> Idem, 463a4.

<sup>56</sup> Idem, 463b1.

<sup>57</sup> PLATÃO, *Filebo*, 55d-56a1.

argumenta que ela é um simulacro da política e, como tal, é má e vergonhosa<sup>58</sup>. Entendemos o simulacro como uma contrafação, ou seja, como uma máscara que procura velar parte da realidade, a fim de parecer as coisas serem como elas, de fato, não são. Com tudo isto, apontamos que, de acordo com a perspectiva socrática e, por conseguinte, platônica, a máscara da lisonja não se preocupa com o melhor, mas apenas visa ao mais agradável e, por isto mesmo, engana. Selando esse raciocínio, utilizamos o argumento de Reboul que aduz que a pretensa onipotência da Retórica, tal como se apresentava pelos interlocutores de Sócrates, não passa de impotência. Como uma máscara, apresenta-se para o ignorante como um deleite, sem, de fato, compreender sobre o que oferece<sup>59</sup>. Como Narciso, o simulacro tem desejo de si e, como criança, escolhe sem o atributo do pensar o que lhe é mais apetitoso ao invés do mais salutar.

Brevemente, Górgias retoma o diálogo com Sócrates e fica evidente que a esquematização elaborada por este vai ser delineada a partir da ideia de haver boas compleições, ou seja, artes que visam ao bem-estar, tanto para o corpo quanto para a alma, ao passo que haverá também as aparências, os simulacros daquelas compleições; que antes de versarem sobre o verdadeiro bem, incutem tanto no corpo quanto na alma uma espécie de contrafação, que é nociva<sup>60</sup>.

Sócrates estabelece que as boas artes são as seguintes:

- (1) Para a alma:
  - Justiça e Legislação.
- (2) Para o corpo:
  - Medicina e Ginástica.

Por sua vez, a lisonja, depois de ter se apercebido – não por conhecimento, mas por aproximação – que estas técnicas fazem a cura sempre tendo em vista o melhor, dividiu-se e insinuou-se sobre cada uma das partes correspondentes, fingindo ser uma técnica<sup>61</sup>. Com base nisso, Sócrates determina que as contrafações das artes são as seguintes:

- (1) Para a alma:
  - Retórica e Sofística.
- (2) Para o corpo:
  - Culinária e Cosmética.

Isto posto, Sócrates identifica, assim, as artes e suas contrafações para a alma:

---

<sup>58</sup> PLATÃO, *Górgias*, 463d.

<sup>59</sup> REBOUL, *Introdução à Retórica*, p. 17.

<sup>60</sup> PLATÃO, *Górgias*, 464a

<sup>61</sup> *Ibidem*, 464c.

➤ A arte é a Justiça e a contrafação é a Retórica; a arte é a Legislação e a contrafação é a Sofística.

E assim o faz em relação ao corpo:

➤ A arte é a medicina e sua contrafação é a culinária; a arte é a ginástica e sua contrafação é a cosmética.

Sob a nossa compreensão vemos claramente a distinção estabelecida no diálogo *Górgias* entre arte e *pseudoartes*, que fingem ser. Platão estabelece, com base nesse esquema, sua ideia de *teknhē*, destoando dos seus convivas em Atenas. Assentamos, com isto, que Platão propõe uma noção fortemente restrita de *teknhē*, percebendo a problemática em distinguir entre as atividades que merecem ser vistas como artes legítimas e atividades que podem resultar em prazer, mas não levam nem a um entendimento genuíno, nem a outros aspectos do que de fato é bom<sup>62</sup>. Essa distinção no diálogo, apresenta outro caráter fundamental na obra platônica: o da diferença entre ciência e pura prática empírica. A Retórica, sendo da última, é apenas um fazer rotineiro, que produz adulação e prazer e que não dá conta daquilo ao que se ocupa. De forma objetiva, Sócrates destitui a Retórica de qualquer caráter racional, o que a coloca como prática irracional. Sendo assim, é má e não sapiente por excelência<sup>63</sup>.

Por dar ênfase ao pressuposto irracional da Retórica, Platão aponta que a persuasão precipuamente estabelecida pela Retórica vem destituída de benesses, pois visa à lisonja. O poder persuasivo da Retórica não vem, com isto, como um saber, mas sim pelo hábito, pela experiência de inculcar nos incautos a lisonja e o comprazimento. A Retórica, então, está para Platão reduzida ao domínio de uma experiência irracional, detentora apenas da lisonja (*κολακείων*).

Destarte, o raciocínio acima nos faz engendrar na perspectiva de que, para Platão, se faz mister delimitar as fronteiras das artes que podem servir ao conhecimento e às melhores coisas, distanciando daquelas que servem apenas à lisonja. Mostrando a Retórica albergada pelos sofistas apenas como simulacro e seu poder de persuasão como nocivo, podemos assim, na abordagem platônica,

<sup>62</sup> De acordo com Moravcsik (2006, p.27), no *Górgias*, Platão extrai de seus interlocutores cinco condições que seriam necessárias para algo ser uma *teknhē*. Vejamos quais são:

1. Deve ser um poder e atividade para produzir ou adquirir algo e, por meio da aquisição, transformar um agente de alguma maneira.
2. Deve ser ensinável (e, portanto, aprendível).
3. Deve ser “acerca de algo” (ou seja, referir-se a constituintes genuínos da realidade).
4. O entendimento genuíno dos objetos apropriados deve estar na base da atividade; isso costuma se manifestar quando se dá uma explicação dos objetos.
5. A atividade ou seus objetos – ou ambos – devem ser bons ou levar a algo que seja bom.

<sup>63</sup> “[...] Não afirmo que ela é arte, mas experiência, porque não possui nenhuma compreensão racional da natureza daquilo a que se aplica e daquilo que aplica, e, conseqüentemente, não tem nada a dizer sobre a causa de cada um deles. Eu não denomino arte algo que seja irracional, mas se tiveres algum ponto a contestar, desejo colocar à prova o argumento”. 465e.

sedimentar que ela não se configura uma arte. Ao menos, claro, diante dos pressupostos estabelecidos pelo sempre profícuo e tenaz gênio platônico.

## Referências

- ARAÚJO, C. *Da Arte: uma leitura do Górgias de Platão*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução e notas de Edson Bini. 2 ed. São Paulo: EDIPRO, 2012.
- CASERTANO, G. *Os paradigmas da verdade em Platão*. Trad. de Maria da Graça Gomes de Pina. São Paulo: Loyola, 2010.
- DINUCCI, A. L. *Górgias 448c- 460b: Sócrates estabelecendo as fundações da crítica à retórica através de sua concepção de technê*. In: O que nos faz pensar, n. 28, p. 215-231, dez. 2010.
- DIÔGENES LAËRTIOS. *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*. Trad. do grego, introdução e notas de Mário da Gama. 2. ed. Brasília: Editora UNB, 2008.
- DODDS, E. R. *Gorgias*. Oxford: Clarendon University Press, 1980.
- IRWIN, T. *Plato's Gorgias*. Oxford: Clarendon University Press, 1979.
- JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. Trad. de Arthur M. Parreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MACCOY, M. *Platão e a retórica de filósofos e sofistas*. Trad. Livia Oushiro. São Paulo: MADRAS, 2010.
- McKIRAHAN, R. D. *A filosofia de Sócrates: uma introdução com trechos e comentários*. Trad. de Eduardo Wolf Pereira. São Paulo: Paulus, 2013.
- MORAVCSIK, J. *Platão e platonismo: aparência e realidade na ontologia, na epistemologia e na ética*. Trad. Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2006.
- PLATÃO. *Mênon*. Trad. de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Górgias*. Trad. Notas e Int. de Daniel R. N. Lopes. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Filebo*. Trad. de Fernando Muniz. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2012.
- PLEBE, A. *Breve história da retórica antiga*. Trad. e notas de Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: EPU: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.
- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Submissão: 19. 01. 2018 / Aceite: 30. 04. 2018.